

# A fragilidade dos relacionamentos contemporâneos: um olhar sobre Um copo de cólera, de Raduan Nassar

Joões Cabral de Lima <sup>[1]</sup>, Vanessa Riambau Pinheiro <sup>[2]</sup>

[1] joais\_cabral@hotmail.com. [2] vanessariambau@gmail.com. Universidade Federal da Paraíba

## RESUMO

Objetiva-se discutir neste trabalho a fragilidade dos relacionamentos contemporâneos através de um olhar voltado para a novela Um copo de cólera, de Raduan Nassar (1992), haja vista que, atualmente, nesta modernidade líquida, as pessoas não querem mais compromisso sério, qualquer coisa vale, desde que haja uma realização pessoal, capaz de suprir apenas o prazer. Para tanto, este estudo fundamenta-se em Bauman (2004), quanto ao esfacelamento das relações humanas, e em Hall (1992), no que concerne à fragmentação do indivíduo moderno através das novas identidades que surgem, de modo a substituir as antigas identidades que, durante tanto tempo, estabilizaram o mundo social.

**Palavras-chave:** Um copo de cólera. Contemporaneidade. Fragmentação.

## ABSTRACT

*The aim of this paper is to discuss the fragility of contemporary relationships through an investigation at Raduan Nassar's novel "A cup of rage" (1992), for nowadays, in this liquid modernity, people do not want to take serious commitment, everything is legitimate, provided that there is a feeling of personal fulfillment, associated with pleasure satisfaction. This study is based both on Bauman's work (2004) on the disintegration of human relations and on Hall's work (1992) on the fragmentation of the modern individual through the new identities that arise so as to replace former identities that for so long have stabilized the social world.*

**Keywords:** *A cup of rage. Contemporary. Fragmentation.*

## 1 Introdução

Os relacionamentos de hoje em dia estão cada vez menos sólidos; isso se deve ao fato de, nos moldes de uma sociedade moderna, termos relações líquidas que dispensam a solidificação de um compromisso, de tudo aquilo que remeta ao sério, duradouro. Nesse sentido, estamos diante de um conceito criado por Bauman (2004), o amor líquido, em que as pessoas da modernidade não querem mais ter compromisso sério; para elas, o que mais importa é o instantâneo, o imediato e, assim, vão descartando as pessoas com as quais poderiam estabelecer um vínculo concreto. Nas sociedades contemporâneas, as relações estão se realizando por meio de valores materiais, que se desgastam e que não nos tornam inteiramente felizes.

O amor não consegue concretizar-se quando não há um acordo entre duas pessoas que estão dispostas a construir algo juntas. Esse acordo aponta para o respeito, a fidelidade e a confiança, de modo que sobre esta tríade constrói-se viabilidade para que a relação possa fluir; é o projetar-se no outro e, a partir de então, sentir-se protegido e amado. Assim, é necessário que se estabeleça num relacionamento a coragem de lutar um pelo outro, para que assim a relação se fortaleça, mesmo em meio às incertezas postuladas pelo desconhecido. Dessa maneira, não se deve descartar a possibilidade do estranhamento inicial, que é natural quando tem início o jogo amoroso; portanto, se é para dar certo, é necessário apostar que tudo será possível, basta não ter medo de tentar, e assim trazer à tona a humildade de saber reconhecer a necessidade do outro, para que assim possa surgir um todo, consistente e fortificado.

A novela *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, é um desenho deste amor líquido e extremamente fragmentado. Na narrativa, os personagens apresentam identidades múltiplas, que ocasionam uma série de mudanças frente ao relacionamento, principalmente no tocante às questões sexuais. Assim, em Raduan, a autonomia sexual feminina aponta para uma nova perspectiva sexual, evidenciando que o universo feminino acaba por apresentar uma grande liberdade em detrimento à supremacia masculina, como analisaremos no decorrer deste estudo.

## 2 Uma dose de cólera para brindar os relacionamentos modernos

Raduan Nassar publicou a novela *Um copo de cólera* em 1975. Na verdade, este romance já havia

sido escrito desde 1970, contudo, como tratava-se do período em que vigorava no Brasil a Ditadura Militar, a publicação acabou sendo tardia com relação à produção. Trata-se de uma contundente narrativa acerca do relacionamento de um casal que não se configura nos moldes românticos, isso por entendermos que ambos se relacionam de uma forma vazia, seca, que nos remete a um estranhamento que permeia a relação dos dois.

A obra é composta por sete partes: *A chegada*, *Na cama*, *O levantar*, *No banho*, *O café da manhã*, *O esporro* e *A chegada*. É interessante que a parte inicial e a final apresentam o mesmo título, conferindo um caráter cíclico à narrativa; o que vai diferenciá-las, então, é a perspectiva do narrador, pois nas seis primeiras partes a história é apresentada sob a voz do homem, sendo transposta para a perspectiva feminina na última parte.

Em *A chegada*, o homem chega em sua chácara, no interior, já no final da tarde, e percebe que sua amante o espera impacientemente. O personagem, ao descer do carro, dirige para aquela que deveria ser a sua amante um olhar de hostilidade, como se não a conhecesse. Naquele momento, estava instalado um clima de total desconhecimento entre os personagens e é sob este cenário que se configura a narrativa da obra referida, na qual estão dispostos os personagens que o tempo todo se apresentam assim, como desconhecidos:

Por uns momentos lá no quarto nós parecíamos dois estranhos que seriam observados por alguém, e este alguém éramos sempre eu e ela, cabendo aos dois ficar de olho no que eu ia fazendo, e não no que ela ia fazendo, por isso eu me sentei na beira da cama e fui tirando calmamente meus sapatos e minhas meias, [...] (NASSAR, 1992, p. 12).

As partes seguintes servem para demonstrar como se dá esta relação entre o casal e a forma como eles desenham esta relação, marcada por indiferença e por um comportamento que tangencia as concepções ditas “normais” de relacionamento. Assim que entram em casa, o narrador dirige-se à cozinha enquanto a mulher segue-o em passos lentos, como se ele conduzisse seus caminhos, e após saborear uma maçã, ele sobe para o quarto enquanto ela caminha fazendo o mesmo percurso; ao chegar no quarto, ela vai para o banho, enquanto ele, deitado na cama, pensa no quanto é importante para aquela mulher, e

ressalta o quanto ela o admira, inclusive, com relação aos aspectos físicos que ele apresenta, em especial aos pés, e o principal: ele acredita que representa para ela segurança.

Nas partes seguintes, denominadas O levantar e No banho, respectivamente, assiste-se a forma como se desenrola este momento a dois, através de um embate verbal entre os personagens que, permeando momentos de prazer, fazem-nos perceber o comportamento agressivo e sexualizado deles, o que os distancia das concepções tradicionais de relacionamento amoroso. Sobrepostas em modelos dispostos em unidades formais, através das discussões que se firmam entre o casal, verifica-se uma relação de poder que está intimamente ligada à figura da mulher: ela é quem detém o poder da retórica, e o narrador está agora consciente de sua inferioridade:

Eu devia cumprimentar a pilantra, não tinha o seu talento, não chegava a isso meu cinismo, fingir indiferença assim perto duma fogueira, dar gargalhadas à beira do sacrifício, e tinha de reconhecer a eficiência do arremedo, um ligeiro branco me varreu um instante a cabeça, senti as pernas de repente amputadas, caí numa total imobilidade [...](NASSAR, 1992, p. 51).

Perpassando por estas partes, surge a quinta parte da narrativa, na qual Dona Mariana, zeladora da casa do nosso narrador, surge na história e passa a fazer parte da ação que se configura no momento em que, sentado com sua amante no terraço de sua chácara, após o banho, o narrador grita pela funcionária e pede para que ela sirva-lhes o café. Enquanto esperam pelo tão desejado café, o narrador observa que em sua cerca viva há um buraco ocasionado por algumas formigas e esse motivo tão simples acaba iniciando uma grande discussão com a amante, transpondo para ela toda sua raiva, iniciando, assim, a sexta parte do livro cujo título é O esporro.

Esta parte do esporro nos faz pensar acerca do significado desta cólera proposta no título da obra e que nos permite associá-la à fúria que o homem sente por causa do buraco em sua cerca viva. Esta fúria é direcionada à mulher, que, por tratar-se de uma jornalista, detém um poder de retórica muito superior ao dele. A forte vontade que um sente de abater o outro e que será notada através da grande confusão que se instaura naquela manhã, culmina no abatimento do homem, que, ao ser vencido pela mulher, cai aos prantos no chão, enquanto ela abandona a casa e vai

embora, convicta de que as coisas não mais seriam como antes; e ele também percebe que os papéis se inverteram.

A última parte do livro também é denominada A chegada; contudo, difere da chegada inicial, marcada pelo narrador que até agora deteve a voz da narrativa. Neste instante, tudo passa a ser apresentado pelo viés feminino; é a voz da mulher que ganha força e relata como se dá este retorno à chácara do homem, dando início a mais um ciclo, no qual por mais uma vez, há um alguém que espera por outro: é a premissa do encontro, em que duas pessoas buscam uma na outra sua identidade, que parece estar adormecida. Na verdade, a dependência do outro é revelada, por mais que ela dure apenas algumas horas. Entretanto, esta relação de interdependência é cíclica e renova-se a todo momento. Assim, o homem encara a chegada de sua amante de uma forma insegura; é o medo que vem à tona, por associar à figura da mulher um ser forte e articulador, enquanto a mulher, retorna com um novo pensamento: ela não ambiciona apenas prazer, e sim estabelecer uma relação de cumplicidade com seu amado. Ao contrário do que acontecera no princípio, agora é ela quem compreende que ele precisa da ajuda dela para se sentir seguro.

Deitado de lado, a cabeça quase tocando os joelhos recolhidos, ele dormia, não era a primeira vez que me prestaria aos seus caprichos, pois fui tomada de repente por uma virulenta vertigem de ternura, tão súbita e insuspeitada, que eu mal continha o ímpeto de me abrir inteira e prematura pra receber de volta aquele enorme feto (NASSAR, 1992, p. 84).

Neste sentido, a narrativa, mesmo acontecendo de forma circular, nos conduz por caminhos distintos e nos faz perceber que a esta altura há uma anulação da perspectiva do homem em detrimento da voz feminina, pois, se antes quem se sentia em condições de proteger e daí a presunção era o homem, agora tudo muda e a jornalista já percebe que ele é quem necessita de seus cuidados. Isso é uma desconstrução da imagem edificada pelo narrador nas seis primeiras partes da história, que o apontava como o centro de tudo. O personagem termina sendo surpreendido pela habilidade feminina, afinal de contas, ele pode até ter aspectos físicos admiráveis, mas deve-se admitir que é ela quem detém o poder intelectual, motivo pelo qual ela o domina. Neste jogo, a mente acaba por vencer o corpo.

### 3 A fragilidade dos relacionamentos contemporâneos

Com um olhar voltado para a obra *Um copo de cólera*, podemos perceber que ela, na verdade, é um desenho dos relacionamentos contemporâneos. Assim, o amor que se apresenta a partir do casal inonimado da obra nos serve para compreender como estão modificadas as relações nos dias de hoje. Normalmente, as pessoas não buscam mais relacionamentos sérios, ao contrário, elas estão fugindo cada vez mais de relações que visam o compromisso intenso, forte, duradouro. Contudo, isso não impede tais pessoas de se relacionarem, de buscarem aventuras.

O teórico Bauman (2004) ressalta este caráter da contemporaneidade, ao afirmar que as pessoas estão cada vez mais em busca de relacionamentos, contudo, não querem de forma alguma perder sua liberdade, é como se elas precisassem de um alguém ao seu lado, porém, que não interfira na vida desregrada, que outrora era a ideal, típica de pessoas solteiras, que não têm a quem dar satisfação alguma; trata-se, portanto, da típica representação do amor líquido, extremamente presente na nossa sociedade, em que o descartável está cada vez mais acentuado, suplantando, dessa maneira, a concepção de relacionamento permanente.

Assim, o amor vai tomando dimensões que fogem dos padrões do amor romântico, aquele que não precisa apenas de palavras para existir, mas que se configura a partir das atitudes, de modo que amar é, por assim dizer, uma função nobre sentida poucas vezes intensamente pelas pessoas e demonstrada nos relacionamentos modernos. Hoje, tornou-se comum a declaração de amor para várias pessoas em um curto intervalo de tempo, ou seja, muitas pessoas optam por chamar de amor as várias experiências que têm no presente, anulando a possibilidade de que surjam outras no futuro, é o que, em outras palavras, nos diz Bauman (2004, p. 19):

Pode-se supor (mas será uma suposição fundamentada) que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro.

Sem uma base sólida, o amor da atual modernidade líquida passa a apresentar vários significados, de modo que qualquer sentido cabe neste termo, evidenciando que atualmente as pessoas banalizaram suas relações. Há a busca pelo hedonismo sem responsabilidade. É uma expansão acerca do conceito de amor que se revela através das relações contemporâneas.

Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor” (BAUMAN, 2004, p. 19).

Em se tratando dessa liberdade através da qual se firmam os relacionamentos modernos, nos debruçamos sobre *Um copo de cólera*, a fim de observarmos a representação desta forma de amor líquido referida pelo teórico. Percebermos que ela é verificada logo no início da narrativa, através do portão aberto – metáfora do desprendimento do personagem, simbolizando esta abertura que se intensifica nas relações da contemporaneidade –, o mesmo portão também está presente no fim da narrativa, pois, quando a jornalista retorna para a chácara do seu amante, o portão está mais uma vez escancarado, sinalizando que ela pode entrar. A esta altura, este aspecto é importante, ou seja, o portão aberto nos faz pensar na perspectiva de que há sempre um alguém à espera de alguma situação, no caso da narrativa em questão, verifica-se uma abertura de um personagem em relação ao outro, ambos estão abertos ao relacionamento que pode ser intenso ou não, que pode ter início durante à noite e acabar com o amanhecer do dia.

Ainda sobre a questão da liberdade amorosa, é como se ambos tivessem um relacionamento estreito que se revela através das várias nuances que permeiam as relações modernas; a única abertura é física, representada através de portões e corpos, mas não há envolvimento emocional. É como se num relacionamento, um fosse o maior mistério do outro; há uma incógnita entre ambos que não pode ser revelada, porque talvez ela simbolize a desestruturação daquilo que estava sólido, na verdade, é o mistério que deve permanecer, é o segredo que não deve ser revelado. A revelação deste mistério poderia desencadear o desvelar de outras emoções insuspeitas que não interessariam ao personagem.

Podemos perceber que, através da metáfora da cerca viva invadida, a raiva e o desejo foram as únicas emoções reveladas, mas outras poderiam estar latentes, como a paixão.

Em todo amor, há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no outro, o companheiro no amor (BAUMAN, 2004, p. 21).

Para Bauman (2004), estamos vivendo em uma sociedade de consumo, em que o que mais importa é o instantâneo, o imediato, de modo que o descartável se solidifica e as pessoas começam a retirar da sua vida com grande facilidade e rapidez aquele (a) com o (a) qual poderia estabelecer um vínculo sólido, sustentado pela capacidade de estabelecer um comprometimento com o outro. Neste sentido, o teórico enfatiza:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro (BAUMAN, 2004, p. 21).

Por assim dizer, as pessoas estão cada vez mais valorizando as futilidades através das quais se revela a nova face da sociedade contemporânea, que demonstra relações que se realizam através das coisas pequenas e materiais, que se desgastam e que não nos completam enquanto seres humanos. A felicidade do homem moderno, segundo Bauman (2004), está na possibilidade de encontrar além de algo atraente aos olhos, alguém que seja um pacote de qualidades que possibilite satisfação de modo que consiga suprir as aspirações em meio ao terreno incerto do amor. Destarte, é importante ressaltar que para a realização de tal intento é necessário comprometimento.

A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 22)

Para o teórico, é preciso de humildade e coragem para que um relacionamento seja estabelecido. É possível afirmar que a forma de amar está intimamente ligada ao ambiente no qual as pessoas estejam inseridas; portanto, na nossa sociedade capitalista, as relações econômicas, o mercado de trabalho, entre outras formas voltadas para o capitalismo, acabam por definir as relações contemporâneas; ou seja, o comportamento social foi transposto para os relacionamentos. Daí origina-se a atual face dos comportamentos frente às relações modernas. Neste sentido, nos deparamos com pessoas que querem estar cada vez mais perto umas das outras, mas que, ao mesmo tempo, estão distantes, separadas por seus muros emocionais e pela falta de diálogo.

Vivemos numa sociedade permeada pelo advento da tecnologia, em que os meios de comunicação fazem parte da nossa realidade e, ainda assim, as pessoas optam por mergulhar num silêncio profundo, inviabilizando o processo de comunicação e, conseqüentemente, levando ao fracasso qualquer tipo de união. Em *Um copo de cólera*, este distanciamento ou esta anulação está extremamente clara entre os personagens principais, pois quando a mulher pergunta: “O que você tem?”, ele nada responde. Não existe quase nenhuma comunicação verbal entre eles, tornando difícil o sucesso do relacionamento dos dois, afinal de contas, enquanto ele observa qualquer parte da casa, ela mergulha no mundo vazio dele e o silêncio é estabelecido.

#### 4 A fragmentação do indivíduo moderno através das novas identidades

O amor, nas sociedades modernas, ao mesmo tempo em que é cultuado, é visto como algo desafiador, face ao crescente processo de individualização. O amor é sempre contradição. Para Bauman (2004), onde há dois, há dúvida. A ambivalência faz do encontro amoroso o lugar das contradições. Estar junto pode representar prazer, segurança, afeição, ver-

dade, mas também pode ser o oposto de tudo isso: insegurança, solidão, medo, disputa.

Essa ambiguidade do amor revela a própria ambiguidade da vida. As profundas transformações pelas quais a sociedade vem passando no nível do relacionamento servem para confirmar a ideia de sujeito fragmentado proposto por Hall (1992). Segundo esse autor,

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado (HALL, 1992, p. 7).

Assim, não há mais como sustentar que o homem não sofra transformações na forma de pensar e agir ao longo de sua vida. Destarte, nas sociedades modernas, os valores tradicionais que ainda são mantidos e cultuados pelas sociedades tradicionais são transformados, e a produção de sentido torna-se condizente com a realidade social emergente.

Hall (1992), ao analisar essa modificação na sociedade, que ele situa no final do século XX, afirma que a fragmentação do sujeito produz identidades múltiplas, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Tais transformações têm nos relacionamentos o ponto central de todas as mudanças que ocorrem com o sujeito, pois, na sociedade moderna, a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados.

Neste sentido, um exemplo concreto desta nova identidade está simbolizado pelas questões sexuais, já que a autonomia sexual feminina aponta como possibilidade de conceber uma nova perspectiva sexual, trazendo à tona o universo da mulher que demonstra, a partir de então, uma grande liberdade em detrimento à supremacia masculina em relação, inclusive, ao universo do prazer, de modo a se sobrepor à perspectiva feminina quanto às relações sexuais.

Acentuada esta relação de igualdade entre ambos os sexos, é necessário que haja uma socialização entre as formas de pensar no tocante ao universo masculino e, conseqüentemente, na maneira de conceber as coisas por parte da perspectiva feminina. No entanto, em *Um copo de cólera*, não é isso que acontece: a forma como a mulher assume o discurso não é vista com muita simpatia pelo homem. Este, que já que não consegue ser superior na vida social e intelectual, utiliza o sexo como arma de dominação. Na obra, o sexo representa a arma encontrada

pelo homem para inferiorizar a mulher, pois o tempo todo ele afirma que tudo que ela aprendera na cama tinha sido por causa dele. “[...] você só trepava como donzela, que sem minha alavanca você não é porra nenhuma, que eu tenho outra vida e outro peso, [...]”. (NASSAR, 1992, p. 49)

Dessa maneira, a sociedade moderna quebrou com os estereótipos sustentados pela sociedade tradicional e, atualmente, não há mais uma separação de objetivos buscados no encontro amoroso. Homens e mulheres querem, de maneira igual, o amor e o prazer sexual. Afinal, ao passo que a mulher foi conquistando seu lugar na sociedade, o homem sentiu cada vez mais a necessidade de realizar sua parceira, especialmente no que concerne às relações sexuais. Entretanto, nestes relacionamentos sustentados apenas pelo viés sexual, não há vínculos fortes entre casais, pois eles não estão juntos para partilhar momentos tão naturais na vida de um casal, por exemplo, ir ao supermercado, ir ao banco, fazer um passeio, enfim, estão juntos apenas quando o desejo sexual aflora.

O amor não consegue ser construído sem que haja um compromisso maior entre as partes envolvidas; é necessário existir um acordo que reforce a ideia de que só assim a união vai fluir. Este acordo, na verdade, é a garantia da união, de modo a permitir que os envolvidos na relação possam se sentir protegidos e amados um pelo outro. A narrativa de Raduan Nassar finaliza o capítulo do “esporro” apresentando essa realidade. A saída da mulher provocou no amante uma reação de extrema fragilidade, pois enquanto o homem cai abatido em um profundo desespero, ele relembra a infância e a mãe que o ensinara que “o amor é a única razão da vida” (NASSAR, 1992, p. 79). O retrato da família contrasta com a sua situação de solidão e insegurança.

O ápice da fragilidade humana aparece no último capítulo da obra, quando a mulher, ao chegar na casa, depara-se com a imagem do homem que está precisando de cuidados, e é neste sentido que ela passa a representar uma mãe, que quer cuidar e trazer esta responsabilidade para si, frente à situação na qual encontra-se o homem, um indivíduo frágil e extremamente carente de amor.

## 5 Considerações finais

A partir da análise de *Um copo de cólera*, tornam-se ainda mais explícitas as nossas perspectivas amorosas de uma sociedade que, sendo altamente

capitalista, não busca mais relacionamentos intensos e duradouros; pelo contrário, está desenvolvendo-se na sociedade moderna uma nova maneira de amar, em que o amor cabe dentro de qualquer possibilidade, e passa a significar tudo, exceto um sentimento do qual emane o desejo de permanecer a partir de uma relação, construir um vínculo fortificado.

A crise identitária é outro fator que se realiza neste amor líquido, de modo que as pessoas estão criando contradições, pois estar junto pode representar prazer, segurança, mas também pode gerar o efeito oposto, a insegurança e o medo de provavelmente não ser feliz. Neste sentido, as identidades antes firmadas e consolidadas no mundo social vão dando espaço e fazendo surgir novas identidades neste universo moderno.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

NASSAR, R. **Um copo de Cólera**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.